

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

RELAÇÕES DE TRABALHO NA FORMAÇÃO DISCURSIVA DO MERCADO: O QUE HÁ DE NOVO NO VELHO DISCURSO?

Maria Virgínia Borges Amaral – UFAL

mvirginia39@gmail.com

Doutora

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

INTRODUÇÃO

Discute-se neste trabalho o funcionamento da ideologia capitalista interpelando o indivíduo em “homens livres para o trabalho” ou em sujeito do seu discurso (*esquecimento I* em PÊCHEUX, 1997), observando-se como a ideologia fornece a cada sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, aceitas e experimentadas. Far-se-á nesta reflexão uma leitura pecheutiana, procurando-se na “teoria da alienação” de Marx possíveis aproximações.

Define-se aqui Formação Discursiva do Mercado como um lugar de encontro entre elementos de saber já sedimentados, que são convocados para ser confirmados ou negados através das práticas discursivas destinadas a organizar as relações de trabalho. Os elementos de saber constitutivos dessa Formação Discursiva estão ancorados em fundamentos da formação ideológica capitalista que, *grosso modo*, consideram existir apenas o caminho do mercado para a felicidade e a liberdade do homem. A essa Formação Discursiva associam-se as práticas discursivas das relações de trabalho, que funcionam como operadoras de um sistema de dispersão capaz de orientar os sujeitos em suas ações laborativas, cumprindo uma função ideo-política no processo de organização da sociedade de classes, estabelecendo regras enunciativas e regulando lugares discursivos nesta formação social capitalista.

As relações de classe, por sua vez, caracterizam-se pelo afrontamento de posições ideológicas e políticas que não dizem respeito à maneira de ser dos indivíduos, mas se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismos, de aliança ou de dominação (PÊCHEUX, 1993). Essas relações são conflituosas e contraditórias; estão sempre à mercê da ideologia dominante que simula

evidências de coerência de objetivos entre essas classes, de unicidade, mas, também, de diferenças entre trabalhador e capitalista.

1. **Sobre a palavra no velho discurso**

Todo o processo de relações sociais e de trabalho é mediado pelo discurso, que encontra na palavra a sua forma mais complexa de materialização. As palavras testemunham a história, e em cada momento da vida do homem são criadas novas palavras ou as já existentes ganham novos significados. Quando Hobsbawm trata sobre a era das revoluções, de 1789 a 1848, especificamente a francesa, marcada pela política, e a inglesa, marcada pela indústria, chama a atenção para a força das palavras na existência do mundo moderno. Para ele não se pode imaginar o mundo moderno sem certas palavras como:

[...] “industrial”, “fábrica”, “classe média”, “classe trabalhadora”, “capitalismo” e “socialismo”. Ou ainda “aristocracia” e “ferrovia”, “liberal” e “conservador” como termos políticos, “nacionalidade”, “cientista” e “engenheiro”, “proletário” e “crise” (econômica). “Utilitarismo” e “estatística”, “sociologia” e vários outros nomes das ciências modernas, “jornalismo” e “ideologia”, todas elas cunhagens ou adaptações deste período [1789 a 1848 – período da dupla revolução, a inglesa e a francesa]. Como também “greve” e “pauperismo”. (HOBSBAWM, 1996, p. 17).

Tais palavras são constitutivas do cenário das práticas discursivas que orientavam o movimento revolucionário dos séculos XVIII e XIX. Aquela realidade se estendeu ao mundo atual: *fábrica, indústria, classe trabalhadora, capitalismo, socialismo, crise, pobreza, greve, ideologia, revolução* fazem parte do cenário discursivo da sociedade capitalista. Sabe-se, a partir de uma perspectiva teórica da Análise do Discurso, que as palavras não têm sentido próprio; uma mesma palavra pode receber sentidos diferentes, conforme se insira nesta ou naquela formação discursiva. ´

É o caso da palavra *revolução*, ela tanto serve à formação discursiva onde se formulam e circulam os ideais socialistas, espaço de significação dos discursos de oposição que marcaram os movimentos políticos dos séculos XIX e XX, como serve à formação discursiva do capitalismo em que se promulgam transformações nas relações de trabalho para fortalecer a política de desenvolvimento e intensificação do capital nos dias atuais. Os sentidos produzidos pela presença da palavra *revolução* em ambas as formações discursivas são diferentes: na primeira tem-se uma proposta de ruptura com o sistema capitalistas; na segunda intencionam-se mudanças nos valores que corroboram a manutenção da ordem do capital, simulando mudanças no princípio de exploração do trabalho e levando os trabalhadores a acreditarem no fim do processo de alienação próprio das relações de trabalho para o capital.

Uma vez que, compreende-se, com Pêcheux (1997, p. 160), que as palavras “mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”, é mister afirmar que a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido e que lhe é próprio dissimular a objetividade material da palavra, a qual reside no fato de que “algo fala” antes sob a dominação do complexo das formações ideológicas. Disto decorre que o capitalismo produz uma diversidade de estratégias para

manter a dominação e o processo de alienação do homem em relação ao trabalho, aos outros homens e em relação a si mesmo. Entre essas estratégias têm-se os discursos das relações de trabalho, que transitam na formação discursiva do mercado para a manutenção da ordem vigente

Segundo Hobsbawm (idem), a “dupla revolução” que marcou os séculos XVIII e XIX, a francesa e a inglesa, constitui a maior transformação da história da humanidade desde os tempos em que se inventou a agricultura e a metalurgia, a escrita, a cidade e o Estado. Os resultados dessas revoluções são vistos a olho nu: o triunfo da indústria como indústria capitalista, o da classe média como burguesia liberal, a expansão da economia em determinadas regiões do mundo, destituindo o princípio do Estado moderno, minando a velha sociedade e fortalecendo a conquista burguesa. As Revoluções extrapolaram o continente europeu e espalharam suas ideias no resto do mundo. Notável consequência das revoluções inglesa e francesa foi estabelecer o domínio do globo por regimes ocidentais.

Na segunda metade do século XIX, nada impedia o avanço do “burguês conquistador” (Idem) sobre qualquer território em que achasse vantagem, a não ser o tempo. E o tempo favoreceu novas conquistas mercadológicas, novos avanços tecnológicos, descobertas científicas, embora seja reconhecido que a história das conquistas burguesas não é, simplesmente, a história de triunfos, mas sobretudo a história de divisão de povos, de exploração, dominação e privação no atendimento às necessidades de grupos, de pessoas. Contraditoriamente, a sociedade burguesa tem a capacidade de unir e ao mesmo tempo separar indivíduos; é uma sociedade dividida/divisora que simula unificação dos povos. Ao se falar da sociedade dos séculos passados parece que se está a falar de uma velha sociedade cujos fundamentos políticos e econômicos teriam se extinguido com os ideais revolucionários anticapitalistas. Mas o que há de novo na chamada sociedade nova que não seja um ressignificado do velho?

2. O que há de novo na velha sociedade e nos discursos que a sustentam?

Segundo Friedman (2005), a viagem de Cristóvão Colombo teria sido o acontecimento inaugural do comércio entre o Velho e o Novo Mundo. Tal fato histórico teria resultado no processo hoje conhecido como *globalização*, que se apresentou como novo no final do século XX, mas que, na verdade, já se encontraria em sua terceira fase. A primeira fase, na análise do referido autor, deu-se de 1492 a 1800, marcada pela “potência muscular (quantidade de força, quantidade de cavalos-vapor, a quantidade de vento ou, mais tarde, a quantidade de vapor) que o país possuía e a criatividade com que a empregava” (Idem, p. 18). A segunda estende-se de 1800 a 2000, e seu principal agente de mudança foram as empresas multinacionais, que se expandiram em busca de mercados e mão de obra, sendo interrompida, mas não aniquilada, pela Grande Depressão, a Primeira e a Segunda Grande Guerra¹. A terceira fase da globalização, para Friedman, é a que se vive hoje, “que está não só encolhendo o tamanho do mundo de pequeno para minúsculo, como também, ao mesmo tempo, aplainando o

¹ Esses acontecimentos, sabe-se, redefiniram as estratégias política e econômica para a manutenção da ordem estabelecida pelas grandes Revoluções.

terreno.” (Idem, p. 19). A 1ª fase foi marcada pela globalização dos países, a 2ª pela globalização das empresas, já a 3ª é marcada pela dinâmica dos indivíduos, pela capacidade que teriam descoberto de concorrer no âmbito mundial.

Por fim, para esse autor, os indivíduos e grupos, hoje, se globalizam tão fácil e uniformemente não devido ao cavalo-vapor nem ao *hardware*, mas ao *software* (novos aplicativos de todos os gêneros), “conjugado à criação de uma rede de fibra óptica em escala planetária que nos converteu, a todos, em vizinhos de porta.” (Idem, p. 19). A diferença da terceira globalização para as anteriores está no poder delegado ao indivíduo, não apenas aos habitantes dos continentes europeus e americanos, mas, também, aos grupos diversificados não ocidentais, pessoas de todos os cantos do mundo que estão conectadas, com possibilidades de agir no âmbito global, o que leva, no entendimento do referido autor, a uma transformação de um mundo global para um *Mundo Plano*.

Essa análise de Friedman é pujante e multifacetada; tanto pode ser vista como uma descrição cuidadosa de fatos reais, uma apresentação convincente do mundo capitalista, expondo planos de ações possíveis para o mundo em mudança e, evidentemente, agradando aos mais sofisticados investigadores das estratégias capitalistas, como pode ser lida como um relato investigativo dos perigos cada vez maiores aos quais os homens estão submetidos. Vê-se que a exposição da pesquisa de Friedman revela, na verdade, o quanto o capitalismo é astucioso; a globalização dos países, a globalização das empresas e a globalização dos indivíduos são um mesmo processo requisitado pela expansão desse modo de produção.

Recorda-se aqui o que Marx questionou em 1846: “Toda organização interna dos povos, todas as suas relações internacionais, não constituem apenas a expressão de determinada divisão do trabalho? Não devem modificar-se com as modificações da divisão do trabalho?” (s/d, p. 247). Isso significa reconhecer que toda mudança observada no mundo atual é resultado do investimento da energia posta em prática pelos homens. Se bem recordarmos Marx (Idem, p. 245), neste cenário social tem-se uma “Conclusão obrigatória: a história dos homens nada mais é que a história de seu desenvolvimento individual, tenham ou não consciência disso. Suas relações materiais constituem a base de todas as demais relações” (Idem, *ibidem*).

O desenvolvimento e a utilização da tecnologia informacional, as máquinas da sociedade moderna, os computadores, os celulares, o *i-pod* são expressões das relações no atual regime econômico que se espalhou pelo mundo inteiro². O que está em jogo na relação dos homens com essas

² Cerca de 70 mil contadores [...] se formam na Índia a cada ano; muitos são contratados pelas empresas locais por um salário de 100 dólares por mês. A comunicação em alta velocidade, o treinamento rigoroso e os formulários padronizados permitem converter esses jovens indianos, num prazo relativamente breve e a um custo pífio, em contadores ocidentais rudimentares. [...]. ‘A profissão de contador está atravessando um momento de transição. Aqueles que se aferrarem ao passado e resistirem às mudanças vão se afundar na massificação. Por outro lado, os que se mostrarem aptos a agregar valor – mediante a sua liderança, os seus relacionamentos e sua criatividade – não só transformarão o setor como irão fortalecer seus relacionamentos com os clientes’.

[...] – Então, o que você está me dizendo – perguntei a Rao – é que, seja qual for a sua profissão – médico, advogado, arquiteto ou contador – se você for americano é melhor tratar de se dedicar à coisa da prestação de

“máquinas” é a finalidade e o modo de utilizá-las, seja para ferir e matar, seja para curar e beneficiar a vida. Nem a mais alta tecnologia, nem as novas relações estabelecidas entre os homens beneficiados pelo “achatamento” do mundo com o fim das distâncias entre o tempo e o espaço que a comunicação moderna propicia, eliminam a concorrência entre os países ou a desproporção entre a população e suas necessidades reais, muito menos a redução da condição humana em força física a ser explorada pelo próprio homem. Marx (s/d) recomendava aos apologistas do seu tempo que contemplassem a vida real, um minuto que fosse.

3. Sobre o processo de interpelação-identificação do homem/trabalhador

Tudo o que foi dito até aqui fortalece o entendimento de que algo permanece imutável perante tantas revoluções: o homem está cada vez mais alienado de sua vida genérica. Hoje, como antes, o homem é subtraído da sua condição humana para se transformar em meio da sua condição física e atender à ordem da acumulação capitalista. A sociedade do capital é o mundo do trabalho alienado que não se alterou com as revoluções, sejam políticas, econômicas ou teóricas. Isso é um fato econômico porque subtrai ao homem o objeto da sua produção; porque degrada a atividade livre do trabalho e transforma a vida do homem em meio para a sua própria existência. A quem pertence o produto do trabalho do homem? A um *ser estranho*, outro homem distinto do trabalhador; logo ao próprio homem, único ser capaz de exercer enigmático poder sobre o outro. Disse Marx (1989, p. 167): “a relação do homem consigo mesmo só é real, objetiva, através da sua relação sobre os outros homens”. E mais: “o homem, através do trabalho alienado, não só produz a sua relação ao objeto e ao ato de produção como a homens estranhos e hostis, mas produz ainda a relação dos outros homens à sua produção a ao seu produto e a relação entre eles mesmos e os outros homens”. Logo se o trabalho na sociedade do capital é um tormento para o trabalhador tem de ser “fonte de gozo e de prazer para outro”, o capitalista, aquele a quem pertence o produto do trabalho.

Pode-se, portanto, perceber a ação da ideologia nas relações de trabalho. Os indivíduos sendo convertidos pela ideologia dominante em sujeitos para o trabalho. A formação ideológica do capital desempenha, no interior dos discursos sobre o trabalho, seu papel para a manutenção da ordem da desigualdade, procedente da sociedade de classes. Ora, identificar o processo de alienação do homem através de meio por ele mesmo criado constitui um desafio para os *pensadores da condição humana*.

As teorias da enunciação, por exemplo, conforme identificou Pêcheux em seus estudos (1993, p.175), “refletem na maioria das vezes a ilusão necessária construtora do sujeito[...] elas se contentam em reproduzir no nível teórico esta ilusão do sujeito, através da idéia de um sujeito enunciador portador de escolhas, intenções, decisões etc.”. Contrariando essas teorias, Pêcheux (idem, p. 175 - 176) entende que os “processos de enunciação consistem em uma serie de determinações sucessivas pelas quais o enunciado se constitui pouco a pouco e que têm por característica colocar o ‘dito’ e em consequência rejeitar o’ não dito””. A enunciação, pois, estabelece “fronteiras entre o que é

serviços ‘com amor’, porque tudo o que puder ser digitalizado também pode ser terceirizado para alguém mais esperto ou mais barato, ou as duas coisas? (Trecho do livro *O Mundo é Plano*, de Thomas Friedman, 2005, p 23 – 24).

seleccionado e tornado preciso aos poucos (através do que se constitui o ‘universo do discurso’), e que é o rejeitado” (idem). Disso decorre que na enunciação se instala um campo vazio, o campo do que é rejeitado: tudo o que poderia o sujeito dizer, mas não disse, e tudo a que o dizer do sujeito se opõe. Ocorre nesse processo o que Pêcheux chama de *efeito de ocultação parcial* ou *esquecimento 2*. Nesta zona do esquecimento 2 o sujeito pode penetrar conscientemente, fazendo-o quando retornar o seu discurso sobre si mesmo, à medida que se corrige para explicitar a si próprio o que disse, para aprofundar o que pensa e formulá-lo mais adequadamente. O mesmo não ocorre com a zona do *esquecimento 1*, que é inacessível ao sujeito, visto que nela operam os efeitos ideológicos, produzindo as evidências do dizer, ocultando a existência do sujeito como processo, como causa de si.

Basta, para o momento, introduzir esta reflexão acerca da relação entre a zona do *esquecimento n°1* e o efeito do processo de *alienação do homem*. Como diz Pêcheux (1997, p.157 – 159):

Se é verdade que a ideologia recruta sujeitos entre os indivíduos [...], é preciso, então, compreender de que modo os voluntários são designados nesse recrutamento, isto é, no que nos diz respeito, de que modo todos os indivíduos recebem como evidente o sentido do que ouvem e dizem, lêem ou escrevem (do que eles querem e do que se quer lhe dizer), enquanto ‘sujeitos-falantes’.

[...] sob a evidência de que “eu sou realmente eu”[...] há o *processo da interpelação-identificação* que produz o sujeito no lugar deixado vazio. (grifo nosso)

Esta reflexão de Pêcheux remonta à teoria da *alienação do homem/trabalhador* de Marx, que discutimos ao longo deste artigo. A sociedade do capital sob a ordem dominante da ideologia burguesa produz evidências de verdades inquestionáveis por meio de discursos aparentemente irrefutáveis, consequentemente os trabalhadores acreditam ser “donos do destino”, têm a ilusão de ser “dono do dizer”. Entretanto, é a Formação Discursiva do Mercado, representante máximo do capitalismo, que define o que não pode ser dito para preservar a relação hierárquica na qual o poder é exercido e a exploração do homem pelo próprio homem é efetivada. Essa formação discursiva aciona o sistema de dispersão nas relações de trabalho, para estabelecer as regras a partir das orientações determinadas pelo mercado em seu discurso atravessado pelos discursos de liberdade e igualdade para os trabalhadores. Oldrini (1995, p. 120), sugere atentar para o fato de que a sociedade burguesa da atualidade se sustenta em um "sistema universal de manipulação, travestido de 'democracia'."

Concluem-se estas reflexões introdutórias com o pensamento marxiano o qual aponta para o processo de *interpelação-identificação* do sujeito no espaço de significação do trabalho e do mercado no mundo do capital, onde cada homem, sendo interpelado pela ideologia, vê no outro a sua imagem e com ele se identifica na ordem da desigualdade de classes – “eu sou realmente trabalhador” ou “eu sou realmente o patrão, dono do meu negócio”: “Assim, na

relação do trabalho alienado, cada homem olha os outros homens segundo o padrão e a relação em que ele próprio, enquanto trabalhador, se encontra.” (MARX, 1989, 166).

REFERÊNCIAS

FRIEDMAN, Thomas. **O mundo é plano: uma breve historia de século XXI**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções: 1789 – 1849**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Era dos extremos: breve século XX: 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Trad. Péricles Cunha. In: F. Gadet; T. Hak (orgs.). **Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

_____. **Semântica e Discurso, uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Trad. de Eni Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Lisboa - Portugal: Edições 70, 1989

_____. **O capital**. Livro1, v. I. Trad. Reginaldo Sant'ana, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil S/A, 1988.

OLDRINI, Guido. Lukács e o caminho marxista ao conceito de "pessoa". **Práxis**, n. 3. Belo Horizonte: Projeto Joaquim de Oliveira, 1995.